

DOSSIÊ TERRITÓRIOS, REDES E CIDADES

Breno Augusto Souto Maior Fontes¹

UFRN/UFPE: <https://orcid.org/0000-0002-7285-9012>

Luciano Antonio Furini²

UNESP: <https://orcid.org/0000-0003-0754-3844>

DOI: [10.21680/1982-1662.2023v6n36ID32595](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2023v6n36ID32595)

Há alguns anos, um renomado cientista social publicou um livro intitulado “Cidades: a urbanização da humanidade”, indicando que, com a revolução industrial, o fenômeno urbano agora significa não uma formação espacial diversa, a cidade e seu *hinterland*, estruturando-se consoante os múltiplos arranjos territoriais isolados. O urbano desta vez se organiza em campos reticulares complexos e articulados, espalhando-se por espaços podem até ultrapassar as fronteiras político-administrativas dos Estados nacionais. As redes territoriais que estruturam as cidades sobrepõem-se aos arranjos tradicionais das cidades, entrincheiradas em suas peculiaridades espaço-temporais.

As dinâmicas entre redes territórios e cidades guardam, por um lado, uma série de divisões (da produção, do trabalho, da distribuição, do consumo, entre outras), que conferem sentido ao modo como a rede urbana é hierarquizada segundo os papéis das cidades. Por outro lado, expressa inúmeras formas de interações socioespaciais, articuladas por diferentes tipos de redes sociais, técnicas e urbanas, que permite identificar graus de *heterarquia* nas redes urbanas contemporâneas, relativizando a estrutura hierárquica anterior. Nesse sentido, é a lógica das redes que potencializa as novas formas de interações urbanas.

O urbano, agora, é um fenômeno que se estrutura principalmente a partir das complexas redes de sociabilidades estabelecidas no viver cotidiano; a guinada territorial se apresenta às ciências sociais acopladas à revolução das redes: deve-se

¹ E-mail: brenofontes@gmail.com

² E-mail: Luciano.antonio@unesp.br

compreender o social primeiramente pelas trajetórias de sociabilidades de seus atores.

As trajetórias são múltiplas e na maior parte dos casos remetem a uma trama complexa, onde se articulam atores, inseridos em círculos de sociabilidades especializados (os diversos espaços de pertencimento), o território que organiza as vivências e estruturas identidades, estruturando as biografias particulares, em suas tramas que se encontram com os campos de sociabilidade mais amplos. É a vida que flui, do cotidiano do bairro e seus percursos para as compras, para o encontro de amigos, para o flunar. Mas também os encontros nos espaços de trabalho, de transporte. As localizações espaciais indicam ao mesmo tempo a inclusão, mas também as fronteiras, os lugares compartilhados, aqueles do não pertencimento, ou simplesmente aqueles do interdito. O dia a dia, o fluxo vital, destarte, é o movimento através dos encontros e da vida compartilhada, dividida entre interesses diversos e múltiplas possibilidades de interação.

Os textos aqui apresentados contemplam duas disciplinas já estabelecidas no universo acadêmico, a sociologia e a geografia. Estão inscritas no campo das ciências sociais, mas pouco dialoga, principalmente quando a referência é o fenômeno do espaço. Aqui, como veremos, os textos são trabalhados muitas vezes em uma perspectiva inter ou mesmo transdisciplinar - embora em alguns deles a âncora teórico-metodológica localiza-se em uma abordagem clássica destes dois campos disciplinares. Há ainda outro importante detalhe a ser acrescentado: a referência empírica é o urbano, compreendido desde seus aspectos mais micro localizados até as considerações mais de preocupação macroespacial.

O campo disciplinar da sociologia do espaço - que pretende incorporar à discussão das práticas de sociabilidades a experiência do viver cotidiano em campos de orientação espaço-temporal definidos, não tem sido algo central na sociologia. Quando se pretendia falar de análise sociológica com recorte espaço-temporal - hoje um modo de pensar o social relativamente consensual - ouvia-se rumores de estranhamento dos geógrafos, curiosos com o que de novo podia apresentar a disciplina sociológica sobre uma temática que lhes é central, de um lado, ao mesmo tempo, reações atônitas de sociólogos, que desde o início, consideravam este tipo de raciocínio periférico ao *mainstrain* da análise social. Não se pode afirmar, entretanto, que a temática do espaço/território/lugar somente tenha sido trabalhada

recentemente pela sociologia. O fato é que, mesmo não inscrita em uma agenda de pesquisa, o conceito de espaço é um instrumento central de qualquer análise do real - fato que vem sendo pensado há séculos pelos filósofos - e está inscrito, ainda que de forma implícita, nas teorias sociais, clássicas e contemporâneas. Não obstante este fato, somente poucos autores clássicos colocaram de forma explícita a temática espaço em suas análises, como é o caso de Simmel. Recentemente a atenção dos sociólogos tem privilegiado o recorte espacial, o que fez com que alguns autores, como, por exemplo, Löw³ concluísse que estamos vivenciando uma guinada espacial nas ciências sociais. Em especial para o caso da sociologia, ou da sociologia do espaço, este recorte teórico-metodológico se organiza a partir de um olhar sobre as sociabilidades, inscritas em performances dos atores em constituições socioespaciais definidas⁴. Estes campos de sociabilidades, descritos enquanto atos performativos, são estruturados a partir de estruturas reticulares, o que faz com que o recorte seja visto a partir de um conceito relacional de espaço. Este é um fato que impinge uma novidade: relativamente aos estudos urbanos, o recorte da sociologia urbana agora tem-se voltado primordialmente enquanto fenômeno das redes. Desta forma, a dimensão social do espaço deve ser vista predominantemente a partir dos campos reticulares, que preenchem as dimensões do espaço/território/lugar com pessoas em práticas cotidianas de estar junto com outras e meter-se em ação em inscrições institucionais localizadas.

As abordagens dos geógrafos sobre as cidades guardam uma relação espaço-tempo em que o território pode constituir-se a partir de inúmeros tipos de relações em rede, e estas últimas *grafam*, literalmente, relações socioespaciais peculiares na geração das espacialidades dos aglomerados humanos.

A Geografia se redefiniu ao longo do tempo buscando caracterizar teoricamente o espaço geográfico, e muitos dos avanços ocorreram nas aproximações com outras disciplinas. Embora guardem suas especificidades, é no contexto destas aproximações que as obras a seguir precisam ser encaixadas.

³ LÖW, Martina. *The sociology of space: materiality, social structures and action*. New York, Palgrave, 2018. Ver também LÖW, Martina; STEETS, Silke; STOETZER, Sergej. *Einführung in die Stadt - und Raumsoziologie*. Stuttgart, Verlag Barbara Budbrich UTB. Outro autor inscrito nos cânones das ciências sociais, Pierre Bourdieu, tem sido revisto enquanto um dos sociólogos que colocam a questão do espaço em destaque. Consultar, sobre o assunto, FOLGE, Nikolaus. *The spatial logic of social struggle. A Bourdieuan Topology*. London, Lexington Books, 2011.

⁴ Há ainda que considerar as sociabilidades mediadas pela internet, onde as ancoragens espaciais, embora existentes, apresentam nuances.

A obra de Vasconcelos⁵ apresenta as principais etapas do pensamento sobre a cidade no âmbito da Geografia, mostrando desde a produção dos geógrafos nos períodos iniciais e quando da institucionalização da Geografia, passando pelos períodos entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, chegando ao período em que a contribuição dos geógrafos se amplia - Pós-Guerra - culminando com as contribuições até o período em que sua obra foi publicada. Assim, com base na obra deste autor pode-se apresentar, para efeito deste breve relato, uma espécie de “lampejos de trajetória”, de Humboldt⁶ até a produção mais atual da Geografia em suas abordagens sobre a cidade. Humboldt, por exemplo, escreve sobre as heranças da antiga capital Asteca, Tenochtitlán, para a estrutura da cidade do México, compondo uma primorosa descrição de aspectos econômicos e regionais. Já Gottmann⁷, em seu estudo sobre megalópole e as tendências da expansão urbana, mostra as características da diferenciação entre estudos urbanos e regionais. Outro estudo é a obra de Berry e Horton⁸, em suas contribuições para a análise locacional no âmbito da Geografia Urbana, em que, entre outras distinções, destaca a cidade em seus aspectos regionais. Em Santos⁹ pode-se identificar a abordagem dos dois circuitos da economia urbana, cuja especificidade do recorte analítico para países do terceiro mundo contribuiu, significativamente, para uma teorização do espaço e da urbanização. Destacando os papéis dos agentes que produzem o espaço urbano, Corrêa¹⁰ contribui para identificar as principais nuances do espaço, como no caso da caracterização dos processos e formas espaciais que constituem a cidade.

Estas abordagens remetem a diferentes métodos e metodologias fomentados em paradigmas distintos da Geografia. Considerando a cidade enquanto âmbito de aglomeração socioespacial que se redefine no tempo, tem-se a renovação das abordagens. Assim novos processos, formas, estruturas e funções urbanos ganham significados promovendo formas específicas de estruturação e reestruturação urbanas e das cidades. Nesse sentido, podemos falar de rupturas paradigmáticas geradas a

⁵ VASCONCELOS, Pedro de Almeida, **Dois séculos de pensamento sobre a cidade**. Ilhéus: Editus, 1999.

⁶ HUMBOLDT, Alexander von. **Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne**. Paris: Jules Renouard, 1811.

⁷ GOTTMANN, Jean. **Megalopolis, or the Urbanization of the Northeastern Seaboard**. In: MAYER, KOHN. **Readings in Urban Geography**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1959.

⁸ BERRY, B.; HORTON, F. **Geographic Perspectives on Urban Systems with integrated readings**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1970.

⁹ SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves 1979. Tradução de: *Le espace partagé*.c1975.

¹⁰ CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

partir das mudanças socioespaciais, as quais reformulam constantemente as abordagens, gerando renovadas perspectivas de análise da cidade e do urbano.

Notamos que as cidades possuem lá sua identidade socioespacial, quando falamos especificamente sobre “a Jericó”, “a Atenas”, “a Roma”, “a Tenochtitlán”, entre outras, conseguimos identificar a essência espaço-temporal em que as sociedades se configuravam. Assim, o pensamento sobre a cidade é, também, o pensamento sobre a sociedade em rede ancorada em processos de territorialização em rede de articulações das inúmeras divisões do trabalho, particularmente da divisão territorial do trabalho em períodos que podem ser delimitados.

É nessa dinâmica em constante redefinição que as redes sociais e técnicas criam e recriam as cidades e o urbano enquanto âmbitos do espaço geográfico. Mas de que adiantaria compreender toda dinâmica espacial sem construir um arcabouço teórico-crítico capaz de apontar horizontes de superação dos limites identificados? Nesse sentido, pode-se destacar outras obras seminais sobre o espaço, particularmente do espaço urbano, nas abordagens de geógrafos como em Harvey¹¹ e Santos¹², cujo histórico de contribuições remetem a diferentes âmbitos espaciais e constituem referenciais da epistemologia da geografia. As propostas desses autores, por exemplo, sobre novas alternativas à lógica de crescimento da economia e novos padrões de globalização remetem ao modo como situam, na abordagem espacial, os vários tipos de limites socioespaciais nas sociedades analisadas e o esgotamento de um sistema em que as redes de acumulação suplantam as redes de cooperação, distribuição e equidade socioespaciais.

Mas, especificamente sobre a abordagem das redes, o conceito de rede urbana é um dos mais centrais para os geógrafos. Na Geografia os inúmeros trabalhos sobre redes urbanas demonstram a importância que esta temática ganhou ao longo do tempo. Segundo Corrêa¹³, entre as mais importantes abordagens dos geógrafos sobre redes urbanas estão: a diferenciação de cidades em termos de função; as dimensões básicas de variação dos sistemas urbanos; a relação entre tamanho demográfico e desenvolvimento; a hierarquia urbana; e as relações entre cidade e região. Para além das abordagens sobre as redes urbanas, a Geografia também apresenta importantes

¹¹ Harvey, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: edições Loyola, 1993.

¹² SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002. (Coleção Milton Santos; 1).

¹³ CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2006.

estudos sobre as redes técnicas, sendo estas consideradas eixos na caracterização da relação sociedade-natureza, em que seus níveis de complexidade permitem delimitar períodos e áreas. São as redes sociais em sua dimensão espacial que agora podem constituir novas perspectivas de estudos. Nesse sentido a aproximação com a sociologia parece ser, também, bastante fecunda.

Este dossiê pretende trazer contribuições diversas, teóricas ou empíricas, desta agenda de pesquisa, as redes, os territórios e as cidades. Pretende-se com as contribuições recebidas, trazer ao debate esta importante temática das ciências sociais contemporâneas. As contribuições têm orientações teórico-metodológicas distintas, e se inscrevem nos campos disciplinares da sociologia e geografia. Compartilham um ponto em comum, a visão das redes, que é trabalhada, de forma mais direta ou *en passant* pelos textos que compõem esta coletânea. Também há outro ponto de encontro entre as contribuições, a centralidade na temática urbana, abordada em diversos ângulos e com recortes empíricos também singulares. Aqui o mote urbano e redes é o que orienta a leitura de diversos fenômenos apresentados nos textos que compõem este dossiê. Recortes multifacetados, com visões que pensam as micro sociabilidades, as estruturações urbano-reticulares mais complexas e abrangentes, e a análise da cidade e sua constituição enquanto campo de construção de identidades. A tentativa, em oferecer uma diversidade de campos temáticos, inscritos em uma mesma agenda, a de estudos urbanos e as estruturações de sociabilidades, permite ao leitor uma visão relativamente abrangente, embora não exaustiva, das pesquisas sobre o assunto desenvolvidas recentemente. São contribuições de autores com filiações institucionais diversas (UFRN, UFPE, UNESP, École de Hautes Études em Sciences Sociales - EHESS, Universidade de Lisboa, Universidad del Calle, Colombia), dando a marca particular aos estudos apresentados, decorrente da singularidade das trajetórias acadêmicas de seus autores.

Referências

- BERRY, B.; HORTON, F. **Geographic Perspectives on Urban Systems with integrated readings**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1970.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2006.

- FOLGE, Nikolaus. *The spatial logic of social struggle. A Bourdieuan Topology*. London, Lexington Books, 2011.
- GOTTMANN, Jean. *Megalopolis, or the Urbanization of the Northeastern Seaborn*. In: **MAYER, KOHN. Readings in Urban Geography**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1959.
- Harvey, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: edições Loyola, 1993.
- LÖW, Martina; STEETS, Silke; STOETZER, Sergej. *Einführung in die Stadt - und Raumsoziologie*. Stuttgart, Verlag Barbara Budbrich UTB.
- LÖW, Martina. *The sociology of space: materiality, social structures and action*. New York, Palgrave, 2018.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002. (Coleção Milton Santos).
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves 1979. Tradução de: *Le espace partagé*. 1975.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida, **Dois séculos de pensamento sobre a cidade**. Ilhéus: Editus, 1999.
- VON HUMBOLDT, Alexander. **Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne**. Paris: Jules Renouard, 1811.